

A PERMANÊNCIA DA SUBALTERNIDADE ATRAVÉS DA COLONIALIDADE DO PODER NO PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO DA ARGÉLIA

Tales Damascena de Lima⁹;
Thainá Alves¹⁰;

RESUMO

O presente artigo ancora-se na obra de Frantz Fanon “Os condenados da terra” e no filme “A batalha de Argel (1966)”. O autor em seu livro relata o contexto da guerra da Argélia, suas consequências, a violência, o movimento de libertação nacional e abre espaço para um debate crucial sobre os processos de conquista e colonização acontecidos na África e que de certa maneira inferiorizam, marginalizam e excluem esses povos deixando grandes marcas em toda uma sociedade, atestando e legitimando um discurso europeu que os coloca como inferiores e bárbaros. Em nossa pesquisa estaremos abordando quais os contextos gerais, as consequências deste conflito na tentativa de compreendermos como permanece atualmente a ideia de uma África sem capacidade, insuficiente e que necessita da tutela do homem europeu para seguir no caminho da civilidade.

Palavras-chave: Argélia; Descolonização; Colonialidade; Libertação.

INTRODUÇÃO

De acordo com os estudos realizados pelo autor e sociólogo Latino-americano Aníbal Quijano, existe um conceito de colonialidade que evidencia as várias formas de dominação usadas pela hegemonia dominante de maneira a subjugar, inferiorizar e subalternizar os povos de terceiro mundo. Em sua teoria Quijano traz o fato de a colonialidade ainda permanecer, mas de maneira imperceptível como, por exemplo, na colonização da mente e das estruturas de poder existentes nesses lugares.

⁹ Graduado em História pela PUC Goiás, Graduando em Pedagogia pelo IF Goiano, e Mestrando em História pelo Programa de Pós Graduação em História da PUC Goiás (PPGH), talesupa@hotmail.com

¹⁰ Graduada em História pela PUC Goiás. Thainaalves71@hotmail.com

No livro “Os condenados da terra” Frantz Fanon nos traz o acontecimento ocorrido na Argélia que marcou a história dessa sociedade, que no caso é o processo de descolonização onde os argelinos lutam contra uma força dita superior de uma metrópole (colonizadora) que impõe seus modos aos colonizados de forma a tentar civilizá-los, trata de descrever como foi a guerra de libertação e quais as consequências de uma luta tão violenta.

No decorrer desse artigo buscaremos discorrer sobre as relações de poder que, em um discurso europeu e centralizado, coloca em evidência a inferioridade, menoridade e obscuridade que “nasce junto com o argelino”. No livro Fanon deixa bem claro a visão do colonizador sobre o colonizado onde é possível observarmos que o homem branco acusa a “barbaridade” do argelino como algo nato, ou seja, imutável, pois “faz parte da natureza dele”, legitimando assim o discurso do “fardo do homem branco” que não faz mais do que levar “luz e civilidade” para as trevas (Argélia).

Em nossa pesquisa tentamos mostrar de uma forma clara o acontecimento da “guerra da Argélia” desenvolvendo também no decorrer deste artigo uma ideia de que a França e toda Europa criou um imaginário a respeito de toda a Argélia como bárbara e incivilizada, esta ideia se espalhou pelo globo e é comum vermos opiniões equivocadas acerca da Argélia e de todo continente africano e no mundo.

Para mais objetividade e clareza de nosso artigo, este se encontra dividido em seu desenvolvimento em três tópicos e considerações finais, tentando desta forma levar o leitor a conhecer o período e o local que estamos falando e, conseqüentemente, compreender o verdadeiro sentido no qual embasamos essa pesquisa que é o colonialismo onde há opressão militar, econômica e cultural de um país sobre o outro e, ao mesmo tempo, essa colonização devasta a cultura dos povos colonizados substituindo essa por uma cultura eurocêntrica e cristã.

A GUERRA E SEU CONTEXTO GERAL

Com a expansão neocolonialista no século XIX os franceses empreenderam a ampliação de seus domínios na Argélia. A invasão francesa na Argélia se inicia em 1830, gerando conflitos que duraram décadas para ocorrer a pacificação. No início do século XX a Argélia tinha a maioria da população formada por tribos primitivas, árabes e berberes de

maioria mulçumana. Assim o território Argelino tornou-se território Francês e a França propôs que todos aqueles que renunciassem às leis mulçumanas teriam a cidadania francesa, porém poucas pessoas aceitaram tal lei. Como diz o autor Albert Memmi, “quando é observado o convívio entre o colonizador e o colonizado, logo descobrimos que tanto a humilhação cotidiana do colonizado quanto seu esmagamento objetivo não são apenas econômicos”. (MEMMI, 2007, p. 17).

Os colonos franceses, com ajuda do Estado, retiraram terras das tribos Argelinas com políticas de confisco de terras, em 1950 um terço das terras cultiváveis de toda a Argélia estava concentrado na mão dos colonos europeus. O governo francês no início da colonização da Argélia foi tratado pela metrópole como colônia de povoamento. O governo incentivou grandes contingentes de camponeses a migrarem para Argélia, ficaram conhecidos como *Pieds-Noirs* ou *pés pretos*.

Em 1881 foi publicado um código de leis que distinguia os cidadãos franceses de origem européia da população nativa que havia ganhado cidadania cujos direitos públicos foram restringidos. No ano de 1914 o país estava sobre controle dos europeus que habitavam o território argelino, possuíam representante no Parlamento francês porém sem considerar os interesses da população árabe, a língua árabe foi ignorada e o francês se tornou língua oficial. A opressão intensa por parte do colonizador ia se intensificando; com o objetivo de calar os colonizados os colonos se fixaram bastante tempo nas terras dos nativos, onde tiveram filhos impondo os costumes da metrópole, os hábitos cotidianos na cidade colonial. Esse fato deixa explícito que o exílio do colonizador, na verdade, é de base econômica: o do novo rico que corre o risco de ficar pobre, eles resistirão o máximo possível, quanto mais o tempo passar, mais durarão as vantagens.

O colono desfruta lá, na metrópole, dos direitos democráticos que o sistema colonial recusa ao colonizados: é o sistema, de fato, que favorece o crescimento da população para reduzir o custo da mão-de-obra, e é também ele que impede a assimilação dos nativos: se estes tivessem direito ao voto, sua superioridade numérica faria com que tudo explodisse em um instante. (MEMMI. 2007, p. 27).

Se o nível de vida do colonizador é elevado, é porque o do colonizado é baixo, pois se pode beneficiar de uma mão de obra barata, onde a criadagem era menos exigente, pois o colonizado é explorado e as leis da colônia não os protegem. O colonizador tem como maior característica a figura do usurpador, estrangeiro chegado a um país pelos acasos da história, impõe sua cultura tomando o lugar do habitante, facultando espantosos

privilégios, retirando de quem é direito, ou seja, o usurpador é um privilegiado e um privilegiado não legítimo.

Em 1930 os jovens argelinos foram estudar na metrópole tendo acesso a mais conhecimento, sendo assim, começaram a formação do nacionalismo Argelino. Na segunda Guerra Mundial, muitos soldados argelinos foram lutar a favor da França, esperando que o país fosse libertado do domínio francês ao término da guerra, porém não foi isso que aconteceu. A repressão dos franceses em relação aos argelinos gerou várias revoltas que levou a morte de vários colonos europeus.

Na década de 1950 a França descobriu gás natural e petróleo no Saara, fortalecendo a autonomia francesa, agora a França tinha uma grande quantidade de combustível natural. A população deu total apoio aos nacionalistas pois eles passavam por diversos problemas, a população argelina se encontrava em péssima condição de vida, todos se revoltaram contra o governo francês, a maioria dos argelinos vivia no campo em estado deplorável.

Em 1º de novembro de 1954 foi fundada a Frente de Libertação Nacional (FLN), grupo que lutou pela independência do território Argelino (tiveram contribuições de diversos regimes através de financiamentos de empréstimos, fornecimento de armamentos e ajuda na formação militar), a partir desse momento começa uma guerra irregular sem precedentes. A guerra da Argélia afetou diretamente a França, os militares franceses se estabeleceram em diversas cidades para desorganizar o apoio da FLN e causar terror psicológico na população. Quando em 1958 De Gaulle assumiu o poder tendo apoio dos colonos franceses, tais colonos não aceitaram as negociações da França com a Argélia e criaram a OAS promovendo, assim, ataques terroristas contra a população mulçumana. O colonialismo francês é encarado na Argélia em três aspectos: social, econômico e psicológico. O regime colonial na Argélia era segregacionista impedindo ascensão social dos árabes e enfraquecendo as sociedades tribais.

CAUSAS DA GUERRA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS SOCIAIS

O estudo em questão trata da guerra de independência da Argélia que teve início em 1954 e durou até 1959 e teve como causa do processo de emancipação do antigo

departamento argelino em relação à França. Como já foi exposto, faz-se necessário que falemos um pouco do autor e o período aqui estudado.

Frantz Fanon, assim como muitos intelectuais do período de emancipação das colônias europeias, estudou na metrópole, foi um militante que lutou pela causa de independência de seu país e através de seus conhecimentos adquiridos em seus estudos na metrópole percebeu que todo aquele ideário construído pelo europeu não passava de uma invenção como forma de subjugar o homem negro.

O europeu, durante os séculos XVIII e XIX, construiu uma teoria baseada no evolucionismo proposto por Charles Darwin, uma teoria que propunha a grandeza de certas raças em relação a outras e, por outro lado, visava a uma justificação daquilo que a Europa havia feito durante séculos; a colonização subjugar e destruíra povos e etnias em várias partes do globo terrestre.

O homem branco, cristão e europeu, era o modelo de superioridade que deveria dominar a natureza, as demais criaturas e, em especial as raças inferiores nas quais o negro se enquadrava, esse ideal criara uma técnica dominadora, uma religião e cultura advinda de uma raça que ocupara o *status quo* de dominadora sobre as demais. O Eurocentrismo colocara o europeu como senhor do globo e a cultura europeia como dominadora, as demais deveriam se curvar perante o europeu.

Os estudos pós-coloniais visam a desconstruir esse mito imposto aos povos e culturas que durante séculos foram dominados e escravizados por essa ideologia criada a partir de uma lógica de dominação. Fanon foi um psicólogo e terapeuta que lutou no período de guerra, conviveu com vários guerrilheiros e faz várias pesquisas no campo da psicologia.

Os estudos Pós-coloniais analisam as maneiras sutis pela quais a colonização afetou a sociedade colonizada. Admite-se que o colonialismo continua a influenciar as ex-colônias mesmo após a independência política. Através da descrição e da análise da história da cultura, a teoria pós-colonial fornece à sociedade uma grande capacidade para se revalorizar. (BONNICI. 2005, p. 27).

No livro *Os condenados da terra*, no capítulo *Guerra Colonial e Distúrbios Mentais*, o autor trata especificamente da parte mais cruel da guerra, uma parte que muitas vezes não é retratada em estudos de guerras, e passa muitas vezes despercebida até mesmo dos noticiários televisivos.

Fanon pôde estudar de perto e tratou de vários casos de distúrbios psiquiátricos no período de guerra. O órgão que tratava diretamente dos ataques era a FLN (frente de libertação nacional), em oposição ao exército francês que procurava defender a colônia contra a intenção de emancipação. No livro e capítulo citados, o autor colheu vários prontuários e quadros como fonte de pesquisa para demonstrar a fragilidade das vítimas e demais envolvidos na guerra.

As consequências da guerra, além de danos materiais, podemos observar também várias mutilações físicas nos corpos, se fôssemos estudar somente os danos físicos; poderíamos também compor uma obra imensa sobre danos causados nos colonos e nas memórias humanas daquele período. A violência propagada durante a guerra se estende aos dias atuais, como resultado podemos observar que o argelino se tornou um homem violento, as taxas de criminalidade são altas, o argelino mata com frequência e com um grau de selvageria espantoso.

Aqui ainda ecoam os resultados de uma obra devastadora que se fez em cima de muita violência e selvageria, os países africanos em sua maioria sofrem até hoje os resultados de uma colonização que expropriou a riqueza dos continentes explorados deixando um rastro de destruição, exploração e guerras tribais que destroem as pessoas daquele lugar.

Temos como exemplos de destruição o Haiti na América que era uma colônia de França, e até hoje sofre com os resultados da colonização. Após o processo de emancipação aquele país nunca conseguiu instalar ali uma democracia nos moldes europeus, e temos vários exemplos no continente africano.

O autor descreve algumas situações de ataques psicóticos durante a guerra, depoimentos de ataques esquizofrênicos que deixaram graves sequelas em combatentes e pessoas da comunidade civil, casos em que a pessoa não conseguia dormir e nem se alimentar pois acreditava estar ouvindo ou vendo coisas e vítimas da guerra. Estupros e violações de corpos eram frequentes, um processo de violência sem precedentes, nas batalhas de Argel. Assim o autor diz que o argelino – por causa da violência no processo de emancipação – se tornou um povo violento ou propenso à violência, Fanon é a voz da liberdade ecoando em meio ao disparate do palavrório oco.

O autor termina sua análise propondo que é preciso levantar a cabeça, não se sentir como coitado da história mas procurar reconstruir um mundo melhor em cima daquilo que a Europa fez, não se esquecer do passado mas, de cabeça erguida e com orgulho,

procurar aprender com o passado e construir um mundo melhor sem desigualdades e subjugações.

A Europa construiu um império a partir de muita violência, subjugação e destruição de culturas que até então não eram dignas de respeito, povos que não eram considerados humanos e deveriam servir ao maior desígnio de construção da Europa.

A LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO DE INFERIORIDADE DO ARGELINO EM UMA VISÃO OCIDENTAL EUROPEIA

A alienação colonial, o racismo, é a ideologia mais arraigada no colonialismo. Consiste em uma justificação do devir colonial sobre a superioridade técnica (o fardo do homem branco), proveniente de processos históricos diferenciados que acabam por tornar-se – ideologicamente – “superioridade biológica”. O preconceito racial é, no entanto, anterior ao processo colonial. Na Idade Média européia, já se criavam imagens negativas do continente africano e do negro que era associado ora ao exotismo, ora ao mal e ao pecado. Já que as potências coloniais defendem o ideário burguês de que “todos os homens nascem iguais” e, portanto, todos têm direitos naturais em comum, fabrica-se o sub-homem que não partilha desses “direitos inalienáveis”. A inferiorização do outro é a condição básica da ideologia racista, sub-humanos merecem a escravidão já que não são parte da cultura e sim da natureza.

O racismo dos negros e árabes contra os brancos-europeus não pode ser analisado da mesma forma que o dos brancos contra os não-brancos. O primeiro é uma resposta *a posteriori* à suposta superioridade branca. O racismo do oprimido é fruto do racismo do opressor, dele descende diretamente. Muitas vezes o “racismo anti-racista” configura-se num aspecto positivo na luta contra a negação de si mesmo empreendida pelos europeus. O racismo e a xenofobia do colonizado são para Memmi resultados da mistificação geral que é construída pelo colonialismo. É uma necessidade. A princípio, é uma negatividade, um ressentimento contra o colonizador, mas pode vir a ser um prelúdio de uma positividade, ou seja, o colonizado recupera sua identidade por si mesmo. É uma contramitologia, combatendo o mito negativo, criado e imposto pelo colonizador, surge um mito positivo de si mesmo, criado pelo colonizado. A exaltação do negro e de suas “qualidades intrínsecas” (emoção, ritmo, musicalidade), feita pela Negritude é uma

tentativa de autovalorização, após séculos de inferiorização, mesmo que esta exaltação, muitas vezes, considere o *ethos* africano como essência a-histórica.

Atualmente o racismo é reproduzido cotidianamente através de novelas como a recente da Rede Globo, *Cor do Pecado*, em que a negra é vista com exotismo e sensualidade, trazendo à tona um dos estereótipos construídos para as afro-descendentes: ora são empregadas, ora amantes sensuais, às vezes as duas coisas. O nome da protagonista era simplesmente... Preta, nada mais. As revistas também ajudam na propagação da ideologia racista, assim como as propagandas de TV que sempre utilizam modelos brancos, fixando uma noção estética em que o branco representa o belo e o negro a feiúra.

No processo colonial, a escola demonstrava-se como um dos principais irradiadores do racismo. Havia nela dois níveis de formação, um para a minoria que devia ser ensinada para o papel de colonizador, portador da civilização, e outro para a maioria colonizada que deveria aprender sobre sua própria condição inferior para obedecer aos ditames coloniais.

A alienação colonial inferioriza o colonizado/negro/árabe, o obriga a vestir uma máscara branca, ele sofre inclusive de transtornos psicológicos como o sentimento de inferioridade perante o colonizador branco. Conforme Fanon, o racismo cumpre com eficácia o seu papel: faz com que o colonizador possa dormir com a consciência serena - já que está explorando “sub-raças” - e faz com que o colonizado sinta-se fraco e inferior, possibilitando o aumento da dominação cultural. Fanon afirma que, apesar de utilizar-se de uma análise psicológica em *Black Skin, White Masks* é aparente para nós que a desalienação efetiva do homem preto vincula-se ao reconhecimento imediato das realidades sociais e econômicas. Se existe um complexo de inferioridade, ele é o resultado de um processo duplo: primeiramente, econômico; subseqüentemente, a internalização ou, melhor, o epidermalização desta inferioridade.

Para Fanon, grande maioria dos negros sofre de um desvio existencial implementado pela cultura branca. Uma verdadeira neurose toma conta da psique do negro, ele tenta de todo modo fugir de sua própria identidade, ele tenta a todo custo aniquilar a sua própria presença. Os valores brancos parecem-lhe os mais verdadeiros, os mais evoluídos:

[...] eu começo a sofrer por não ser branco no mesmo grau que o homem branco impõe a discriminação em mim, faz de mim um nativo colonizado, rouba-me todo valor, toda individualidade, diz-me que sou um parasita no mundo [...] (tradução minha).

Não importa para o colonizador quem é realmente o colonizado. Esta mistificação condiz com as demandas coloniais: nada mais válido do que colonizar um povo “preguiçoso”, que “não produz nada em suas terras”. A visão do colonizador pioneiro, sempre altivo e com uma pá na mão, com o olhar perdido no horizonte, pensando no progresso e no futuro, é a antítese do colonizado. Neste ponto Memmi e Fanon novamente se aproximam, principalmente quando o segundo afirma que o negro “é escravizado por sua inferioridade, o branco escravizado por sua superioridade.

A alienação é mútua, o colonizador ao criar uma imagem mítica do colonizado, também é alienado em sua imagem, em seu retrato. Estas imagens ideológicas do negro estimulam uma visão em que há desprezo, mas também temor. É o que Fanon chama de negrofobia. Aqui está o mito do negro biológico, pelo qual a alteridade negra é vista e temida pelo olho/eu europeu, que considera que os africanos e seus descendentes têm poderes sexuais tremendos. O que você espera, com toda liberdade que eles têm em suas selvas! Eles copulam a toda hora e em qualquer lugar. Eles são realmente genitais. Eles têm tantas crianças que não podem contá-las. Tome cuidado, ou eles irão encher-nos com mulatinhos.

Neste processo de embranquecimento cultural busca-se estar o mais próximo da brancura: o negro para atingir este objetivo muitas vezes procura amantes brancas, pois ele pensa que ao ser amado por ela ele é digno do amor branco, ele enfim é branco. O negro que quer ascender socialmente procura apossar-se de símbolos de status social, um deles é, com certeza, a mulher loura. Muitas mulheres negras buscam embranquecer, não só buscando parceiros brancos, mas também fisicamente. Países como o Senegal possuem alta porcentagem de mulheres que usam produtos - geralmente nocivos à saúde - para branquear a pele.

Ao vivenciar sua condição alienada o colonizado/negro busca fugir dos estereótipos construídos na sociedade colonial. A primeira saída é a da assimilação, ou seja, “mudar de pele”, tornar-se europeu; a segunda é a revolta aberta contra o colonizador, revolta essa que pode transformar-se em revolução. Entre estes dois momentos ocorrem, como já afirmado, a criação de uma contramitologia, um “racismo às avessas” por parte do colonizado que, apesar de ainda estar inserido dentro do contexto colonial, apesar de ter um movimento de negação, torna-se dialeticamente afirmação da identidade em construção. Na sua tentativa de fugir do estereótipo colonizado, o negro encontra um modelo que lhe serve de exemplo, um modelo tentador e muito próximo a ele, precisamente o do colonizador. A primeira ambição do colonizado será a de igualar-se a

esse modelo prestigioso, de parecer-se com ele até nele desaparecer. A mulher loura, seja insípida e de traços banais, parece superior a toda morena. Um produto fabricado pelo colonizador, uma palavra dada por ele, são recebidos com confiança. Seus hábitos, suas roupas, seus alimentos, sua arquitetura, são rigorosamente copiados, mesmo sendo inadequados.

A assimilação, porém, não pode ocorrer, pois atenta contra o sistema colonial. O colonizador recusa-se a assimilar os colonizados: ele zomba deles, “são macacos que imitam, nada mais”. “Ora, no quadro colonial a assimilação revelou-se impossível. Para assimilar-se, não é suficiente despedir-se de seu grupo, é preciso penetrar em outro: ora, ele encontra a recusa do colonizador. Tendo em vista a falência da assimilação, já que ela vai contra o funcionamento do próprio colonialismo, há uma segunda tentativa empreendida pelo colonizado em prol da libertação de sua condição inferior: a revolta. Fanon concorda novamente: a revolta violenta do colonizado é a única tentativa realmente eficiente no caminho da libertação. A revolta, porém é, para a situação colonial, a única saída que não é miragem, e o colonizado descobre isso cedo ou tarde.

Fanon afirma que a revolta violenta desmistifica a suposta inferioridade do colonizado. A violência é intrínseca ao colonialismo, pois ele se baseia na expropriação da terra dos nativos, na domesticação da força de trabalho, no canhão, na baioneta. O cotidiano colonial exala violência a todo o momento. Seja no extremismo da *apartheid*, seja no racismo paternalista português, os poros da colônia estão todos entupidos por ela. A violência pode ser velada ou explícita, mas sempre está presente no contexto colonial. A história do Mundo Moderno, desde o descobrimento e a conquista do Novo Mundo, compreendendo também a colonização da África, Ásia e Oceania, é a história dos mais prosaicos e sofisticados meios e modos de violência com os quais se forja e mutila a modernidade.

À medida que se desenvolvem a ciência e a técnica, em seus usos crescentemente político-econômicos e socioculturais, desenvolvem-se as formas e as técnicas de violência. A violência parece algo intrínseco ao modo pelo qual se organiza e desenvolve a sociedade moderna, seja nacional ou mundial. Os colonos que sempre afirmaram que os nativos “só entendem com chicotadas”, “só a força ensina-os” mostraram o caminho inevitável que teria que ser seguido em prol da emancipação. “O argumento escolhido pelo colonizado foi-lhe indicado pelo colono e, por uma irônica reviravolta das coisas, o colonizado é quem agora afirma que o colonialista só entende a força”. O colonizado desde pequeno convivera com a violência, ele a conhecia.

Fanon afirma que: “Para o colonizado, essa violência representa a práxis absoluta”. O colonizado, ao agir na realidade, a transforma e transforma a si mesmo. A violência aproximou os militantes, serviu-lhes como coesão, por isso os militantes argelinos da FLN e também os Mau-Mau quenianos tinham que executar um atentado pessoal contra os colonialistas para fazer parte de suas respectivas organizações. No filme *Batalha de Argel*, vemos que o batismo de fogo de Ali La Pointe, o protagonista da história, inscreve-se neste processo, ele tem que matar um policial francês para provar que não é espião. “A violência é, dessa maneira, compreendida como a mediação régia”. O homem colonizado liberta-se na e pela violência.

No momento em que a violência tornou-se explícita na sociedade colonial, ela revelou ao colonizado a verdadeira face do *modus operandi* colonialista e isto desalienou os indivíduos, ela desmistificou as ilusões fundadas nas superestruturas colonialistas. O aparecimento do colono significou, sincreticamente, morte da sociedade autóctone, letargia cultural, petrificação dos indivíduos. Para o colonizado, a vida só pode surgir do cadáver em decomposição do colono. Essa práxis violenta é totalizante, visto que cada um se transforma em elo violento da grande cadeia, do grande organismo surgido como reação à violência primordial do colonialista.

O racismo é o pilar ideológico do colonizador, é a justificativa que ele criou para poder efetuar a colonização, vendo-a não como uma violência, mas como um benefício aos colonizados.

Fanon ajudou os colonizados em geral a compreenderem que a construção da máscara branca era um sintoma grave da despersonalização fomentada pelo colonialismo: o processo de embranquecimento que vivencia o colonizado, que não quer ser negro, ou não quer ser árabe, mas também não pode ser branco, ser assimilado totalmente, fende o indivíduo, aniquilando-o. Nisto está o significado maior de *Pele Negra, Máscaras Brancas*. A Guerra de Independência na Argélia foi extremamente violenta devido principalmente ao grande número de colonos franceses que viviam na colônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme de Gillo Pontecorvo se passa em Argel, capital da Argélia, então colônia francesa, durante o processo de revolta contra a dominação europeia no final dos anos 1950. A ação se transpõe entre 1954 a 1957 e o diretor mistura ficção e fatos reais,

procura tratar com veracidade a resistência argeliana (mediada pelo personagem Ali La Pointe) e a violência do exército francês (Tratada no personagem Coronel Mathieu), obtendo, como resultado, um “quase” documentário, intenso, emocionante, que mantém o espectador em suspense do início ao final do filme.

Em suma, podemos, a partir do filme, refletir e entender essa Argélia que ainda hoje é um país cheio de conflitos, e que sua guerra interna é antiga, mais do que as confusões que teve com o país colonizador, a França. A batalha de Argel, documentada em uma película de Gillo Pontecorvo, é uma maravilhosa representação da batalha entre colonizador e colonizado dos conflitos deste povo, que até o presente vive uma guerra civil que marca o país.

Para Sartre, Fanon mostrou o caminho, foi porta-voz dos combatentes, reclamou união, a unidade do continente africano contra todas as discórdias e todos os particularismos.

Fanon conduz a população colonizada na compreensão das artimanhas da colonização. Explica que entre os métodos empreendidos pelo colono é a alienação colonial que tinha o objetivo de convencer os indígenas de que o colonialismo devia arrancá-los das trevas. Para o colonizado o papel do colono era mantê-lo longe da barbárie e da animalização. Dizia:

No plano do inconsciente, o colonialismo não pretendia ser visto pelo indígena como uma mãe doce e bondosa que protege o filho contra um ambiente hostil, mas sob a forma de uma mãe que a todo momento impede um filho fundamentalmente perverso de se suicidar, de dar livre curso a seus instintos maléficos. A mãe colonial defende o filho contra ele mesmo, contra seu ego, contra sua fisiologia, sua biologia, sua infelicidade ontológica.(FANON, 2005, p.244)

Constata que no período de colonização quando a soma de excitações nocivas ultrapassa um certo limite, as posições defensivas dos colonizados desmoronam, e estes se vêem então em grande número nos hospitais psiquiátricos. Há, portanto, segundo Fanon, nesse período de colonização vitoriosa, uma regular e séria patologia produzida diretamente pela opressão.

Aníbal Quijano (2002) em conferência para a Escola de Estudos Internacionais e Diplomáticos Pedro Gual, em Caracas em sua definição de colonialidade do Poder, fala que “é um conceito que dá conta de um dos elementos fundantes do atual padrão de poder,

a classificação social básica e universal da população do planeta em torno da ideia de ‘raça’, expressão de dominação colonial”.

Frantz Fanon, por ter participado ativamente do conflito na Argélia em Argel, tem aguda percepção da dominação colonial e o mal que o povo local sofreu e sofre. Mas talvez a pior dominação sofrida seja a dominação intelectual e de cunho dos costumes, pois tanto a forma de pensar e a forma de agir do colonizado já está determinada desde que nasce pelo que já é imposto, então agindo naturalmente como um argelino, na verdade está agindo como tem que agir no contexto em que nasceu.

Vemos então que a dominação desse subalterno que tenta se descolonizar ainda permanece introjetada nas mentes e na vida como todo. O argelino tem como identidade cultural aquela feita por base do colonizador, e esta permanece. O que nos parece apropriado afirmar, dentre outras coisas, que o subalterno é subjugado pela supremacia cultural externa, e assim como em outra obra de Frantz Fanon “Peles Negras, Máscaras Brancas”, o colonizado usa tudo que tem ao seu alcance para tentar se parecer com o colonizador, sendo essa máscara branca não suficiente pra torná-lo como tal, pois sua origem e cor o denunciam.

RESUMEN

Este artículo está anclada en la obra de Frantz Fanon "Los condenados de la Tierra" y la película "La batalla de Argel (1966)." El autor en su libro analiza el contexto de la guerra de Argelia, sus consecuencias, la violencia, el movimiento de liberación nacional y deja espacio para un debate crucial sobre los procesos de aprovechamiento que pasó la colonización en África y que de alguna manera inferior margina, excluye a estas personas que salen de grandes marcas a través de una sociedad que certifica y legitima un discurso europeo que los puso como inferior y bárbaro. En nuestra investigación se dirigirá a lo que el contexto general, las consecuencias de este conflicto en un intento de comprender la forma en la actualidad sigue siendo la idea de un África sin capacidad, insuficiente y necesita la protección del hombre europeo por lo que siguen el camino de la civilidad.

Palabras clave: Argelia; descolonización; colonialidad; La liberación

REFERÊNCIAS

ALVES, T. V. “A permanência da subalternidade através da colonialidade do ser, saber e poder”. In: V congresso Internacional de História: novas epistemes e narrativas Contemporâneas. 2016, Jataí.

- BONNICI, Thomas. *Conceitos-chaves da teoria pós-colonial*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2005.
- DESOUZA, E, Baldwin, J. R., da Rosa, F.H. A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2000, 13 (3), p.490.
- FOUCAULT, M. *Os corpos dóceis. Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a, p. 125-52.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. São Paulo: Ed: Contexto, 2002.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Traduzido por Enilce A. Rocha. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- GRAMSCI, Antonio. *Temas para a questão meridional*. Tradução Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GROSGOUEL, Ramón. “Para descolonizar os estudos de economia e política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”. In *Epistemologias do sul*. SANTOS, Boaventura de Sousa. MENEZES, Maria Paula (Org.). São Paulo: Cortez, 2010.
- MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado precedido de retrato do colonizador*. Tradução por Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- LANDER, Edgard (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur. Buenos Aires: Clacso, 2005. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Trad: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: Apicuri, 2016.
- SPIVAK, Gayatri Ghakravort. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Goulart de Almeida, Marcos pereira Feitosa e André Pereira Feitosa, Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del poder, cultura y conocimiento em América Latina em Anuario Mariteguiano* (Lima: Amauta). Vol. IX, nº 9, 1997.

MATERIAL DE APOIO

Filme: *A Batalha de Argel*. Direção: Gillo Pontecorvo. Produção: Franco Solinas. Itália. 1966. Disponível em: https://youtu.be/PB-xK_ViPck